

# Sumário

Agradecimentos .....	9
Introdução	<b>Versões cover</b> .....11
Capítulo 1	<b>O que era bom agora é mau</b> .....19 <i>Gênesis, Criação e Queda</i>
Capítulo 2	<b>Tentativas de redenção</b> .....35 <i>Uma peça sobre a moral em quatro atos</i>
Capítulo 3	<b>Redenção total</b> .....49 <i>O evangelho de Jesus Cristo</i>
Capítulo 4	<b>O bom combate</b> .....67 <i>Fé verdadeira na vida real</i>
Capítulo 5	<b>Os benefícios da crença</b> .....85 <i>Justificação e adoção</i>
Capítulo 6	<b>Vire aqui</b> .....99 <i>No caminho da santificação</i>

Capítulo 7	<b>Tempestade perfeita</b> .....115 <i>Culpa, vergonha e outros abalos</i>
Capítulo 8	<b>Deus é grande, Deus é bom</b> .....131 <i>Combatendo o medo e a ansiedade</i>
Capítulo 9	<b>Continue puxando</b> .....145 <i>Arrancando raízes, fincando estacas</i>
Capítulo 10	<b>Vá em paz</b> .....155 <i>Reconciliação e reparação</i>
Capítulo 11	<b>Sinta a azia</b> .....169 <i>Confrontando e perdendo</i>
Capítulo 12	<b>Os que buscam os prazeres</b> .....183 <i>Perseverando na busca da alegria</i>
Epílogo	<b>Engrandecendo seu nome</b> .....197

## Introdução

# Versões *cover*



**Fazemos isso o tempo todo: mal começamos a ouvir uma música** no rádio e, depois das duas primeiras notas, já mudamos de estação. Antes mesmo de ouvir uma única palavra, decidimos que aquela música não é do nosso agrado. Não tem nossa cara. Não bate conosco.

Mas, então, um dia você ouve a mesma música em outro ambiente, talvez no terraço de um restaurante, na praia ou no carro de alguém durante os vinte segundos em que um semáforo permanece fechado, e aí você se dá conta: “Hum, é melhor do que eu pensava”. Surpreendentemente, a música parece falar com você. Sobretudo a letra. Talvez o compositor tenha algo mais a dizer do que você achava possível. Até então, você sempre mudava de estação. Era a *vibe* errada, o estilo errado. Ninguém que você conheça ou com quem costuma sair gosta desse tipo de música. Mas, se você soubesse aonde ela poderia levá-lo, se soubesse o que aquele compositor esperava que você compreendesse só de ouvi-la sendo cantada... e de cantar junto...

Esse é o tipo de música que pretendemos tocar para você.

Na verdade, não é uma música nova — é a música da redenção, do evangelho. Faz muitos anos que ela está por aí. Mas quando a

mensagem vem ao seu encontro no lugar certo, na hora certa, o significado que sempre esteve lá pode, de repente, derramar-se sobre você. Mesmo que a música não seja nenhuma novidade ou que você já a tenha escutado na voz de vários cantores — tantas vezes que parte do seu brilho já se perdeu em meio às repetições —, as texturas e as harmonias precisas, por vezes, ainda podem brotar do nada, surpreendendo-o com suas camadas, sua beleza.

De tal modo que ela o conquista.

Ou *reconquista*.

Na verdade, não importa se um ou outro.

Porque, seja como for, ela ainda lhe fala.

E, de um jeito ou de outro, pode mudá-lo.

É bem possível que o evangelho tenha sido a trilha sonora da sua adolescência ou mesmo da sua infância. Você a ouviu sendo tocada, sentiu-se atraído pela letra. Ela cativou seus desejos, tocou-o de modo profundo e especial. Você se identificou, saltou na direção dessa melodia. Você sempre se lembrará da primeira vez que a ouviu: onde estava, o que estava fazendo, quem estava lá, como se sentia — a primeira vez que *realmente* a ouviu, quando parou de fato para analisar por que gostava tanto dela.

Ou, quem sabe, talvez tenha sido preciso chegar à idade adulta, ter se tornado pai ou mãe — ou finalmente ter deixado para trás outras coisas que costumava ouvir — para, enfim, poder apreciá-la e se dar conta de que havia algo no evangelho que era real e atemporal. Finalmente, ele o *fisgou*. Mudou sua vida.

E isso é ótimo.

Contudo, a menos que estejamos trabalhando com a hipótese errada, é provável que sua vida e o evangelho nem sempre tenham estado em sintonia desde então. Depois daquele momento em que você se emocionou (depois de tantos lenços de papel amarrotados), quando, por meio do convencimento do Espírito, você sentiu realmente o peso do seu pecado, não tem sido fácil para você experimentar e usufruir regularmente do que Deus, supostamente, fez para remediar essa



situação. Mesmo naquelas ocasiões recorrentes nas quais você falhou por completo e decidiu que se sairia melhor da próxima vez, em geral você só conseguiu permanecer imóvel, por pouco tempo, tentando se controlar, impelido por uma determinação férrea e à custa de um sacrifício brutal (que você esperava que Deus percebesse e tomasse nota). No entanto, você reconhece que esse não é exatamente um sentimento de liberdade e de vitória. E sempre que as coisas saem dos trilhos novamente, como geralmente acontece, o sentimento que se manifesta mais uma vez é o daquela antiga condenação.

Como é terrível não conseguir resolver essa situação, não é?

Você tinha certeza de que o fato de ser cristão deveria mudá-lo — e você mudou. Um pouco. Mas, meu amigo, há tantas outras coisas que ainda precisam de mudança. Coisas muito sérias. Coisas do dia a dia. Mudanças em seus hábitos, nas suas rotinas, nas suas escolhas e decisões, mudanças naquilo que você sempre odiou acerca de si mesmo, mudanças no que você faz e no que não faz... e no que *nunca mais quer fazer de novo!*

Mudanças na sua maneira de pensar, no modo como você lida com as coisas, como suporta a culpa e a vergonha depois de ter falhado novamente. Em como você vence os velhos hábitos — aqueles que te levam a agir da maneira errada, mesmo depois de dizer várias vezes a si mesmo que é preciso ser supercauteloso com esses comportamentos, sabendo que eles, como sempre, põem tudo a perder.

Mudanças em seus relacionamentos mais íntimos e nos seus hábitos de trabalho, mudanças que jamais lhe aconteceram anteriormente, do tipo que — caso você consiga realizá-las — podem finalmente começar a gerar volume, contribuindo assim com um novo impulso para você, mantendo-o na direção certa.

Mas aí — interrompa-nos se você já ouviu isso antes...

*Você muda muito pouco, se é que muda.*

E, convenhamos, será que você não devia estar mais transformado a esta altura?

É mais ou menos nesse momento, quando o que você sempre pensou ou esperou de Deus não se encaixa mais com seus sentimentos, que você



começa a criar versões *cover* do evangelho, juntando coisas que ouviu, acreditou, vivenciou — algumas do passado, outras do presente. Você compõe novas músicas com um quê de evangelho, mas, infelizmente, nem sempre com a verdade do evangelho.

Veja, por exemplo, se o que segue abaixo lhe parece familiar...

No início, o sentimento é forte. Ousado. Confiante. Impetuoso. Jesus o ama, ele morreu por você, perdoou-o. Muito bem. Isso está indo a algum lugar. Você ama isso.

Mas depois começa a parecer artificial. Você começa a acelerar o ritmo, se esforça demais. Em vez de deixar que a música chegue até  *você*, de apenas apreciar simplesmente a experiência de ser conduzido por ela, grato pelo privilégio de ter sido convidado a participar do grupo, você pressiona. Pensa demais, analisa demais. Toca as notas certas na maioria das vezes, mas perdeu a essência, o deslumbramento, o puro prazer de apenas tocar, de estar junto.

E, antes que você perceba, a coisa toda se tornou extremamente desagradável — não há satisfação alguma — tanto para você quanto para todos os demais que o estão observando e ouvindo. Você começa a questionar por que se dedicou tanto a isso só para acabar se sentindo extremamente frustrado e infeliz. Parece que tentar ser bom dá muito trabalho para pouco retorno. No entanto, *não* tentar ser bom custa-lhe muito da afirmação e da reputação que você preza; faz com que você se sinta até mesmo pior em relação a si mesmo.

Então, você decide melhorar — mesmo que isso lhe custe a vida, mesmo que signifique tocar sua parte e a de outras pessoas também. Você se esforça ainda mais do que nunca para produzir sua música. No fim das contas, porém, consegue apenas transformar o que antes era uma paixão em performance. Em oportunidade de crescimento pessoal, de obter algum lucro. Sempre buscando, sempre fazendo planos para melhorar. Contudo, nunca há o sentimento de que já alcançou um patamar suficiente. Porque  *você* nunca é bom o suficiente. Você jamais alcança aquela musicalidade almejada, do jeito que imaginava.



Você poderia chamar essa versão *cover* de versão *não coberta* (*uncovered*)<sup>1</sup> — nela, tudo o que Deus fez para convencê-lo de que ele o amou e se deleitou em você, perdoou seus pecados e o acolheu em sua família, jamais o convencerá de que você não tem de merecer isso. É por isso que você tem se esforçado tanto, não é? Para que ele fique feliz com você? Para ganhar pontos com ele? Para *cobrir* o que a graça de Deus deixou descoberto da primeira vez? No entanto, mesmo com tudo isso, você não parece capaz de alcançar o que pretende, não parece capaz de saldar toda sua dívida em sua política de aprovação.

Isso, porém, não é o evangelho. Nunca foi.

O evangelho também não é...

... aquele em que sua vida fracassa completamente. Você não é mais o mesmo, está deslocado. Você faz coisas que o bom cristão não faz — coisas que, com frequência, *voce* não quer fazer, embora continue a fazê-las. Portanto, qual é a sua escolha? É desse jeito que você quer que seja, ou não? Difícil dizer. Às vezes, você volta ao refrão, se apegando a essa parte da música, mas então você se afasta novamente dos seus velhos livros de música, não segue a partitura, desafina.

É o caos. Você odeia essa situação. É lastimável. É sua segunda (terceira, quarta, quadringentésima) chance, mas a confusão reina outra vez, e outra, e outra. Talvez, antes de Deus realmente conhecê-lo, ele tenha querido salvá-lo. Mas com o desempenho que você vem apresentando ultimamente...

Em outras palavras, se alguém na sua igreja ou em sua família soubesse que você era desse jeito por dentro...

Como pode Deus amar um cantor tão ruim assim?

---

<sup>1</sup>Nesse parágrafo e adiante, na Introdução, os autores fazem trocadilhos com a palavra *cover* (usada no sentido de “imitação”, “cópia”) para se referir a outras versões do evangelho como *uncovered*, *discovered* e *undercover versions*. Nesses casos, além da adaptação desses conceitos para o português, mantivemos entre parênteses a expressão utilizada originalmente, a fim de preservar a essência do jogo de palavras pretendido pelos autores e que também faz alusão ao título original da obra: *Recovering redemption: a gospel-saturated perspective on how to change*. (N. do E.)



Essa versão *cover* pode ser chamada versão do medo de *ser descoberto* (*discovered*). Nessa versão, você põe sua fé em um Deus que resgata os perdidos de seus pecados, mas quando eles se tornam *seu* povo (e uma vez que eles fazem as coisas que você faz), Deus pode escolher salvá-los, ou não.

Isso também não é o evangelho.

O mesmo vale para a sempre popular versão *cover* do tipo *encontrada* (*undercover*), em que o cristianismo é entendido apenas como algo particular, uma convicção pessoal. Nessa versão, o evangelho é uma música que você escuta de vez em quando na sua casa ou no fone de ouvido enquanto corre, mas nunca em público, onde as pessoas possam notar.

Há outras versões também — e são *muitas* —; variações sobre o mesmo tema. Elas nos permitem imaginar, caso fôssemos Deus, como ele se sentiria. Então, essas versões se parecem com o que ouvimos em nossa cabeça, às vezes, como se fosse possível confiar em nós mesmos para sabermos mais do que Deus sabe a respeito da verdade, para sermos melhores intérpretes da sua Palavra do que ele é.

Se você tem cantado esse tipo de falsidade e tem crido nesse tipo de coisa, nessas imitações baratas — e pode acreditar: muitos fazem ou fizeram isso —, então ouvir a versão original do evangelho pode ser exatamente o que você está precisando. Aliás, todos nós precisamos ser constantemente lembrados:

Do amor soberano de Deus — maior do que nós, maior do que tudo.

De nossa total incapacidade de mudarmos a nós mesmos — antes não conseguimos, agora também não, nunca conseguiremos.

Da confiança de sabermos plenamente que fomos restaurados em Cristo, ao mesmo tempo que experimentamos sua obra ativa de restauração dia a dia.

De viver como filhos, não como escravos.

De crescer na graça, e de não termos a preocupação em tirar sempre a nota máxima.



Oramos para que sua vida seja muito abençoada nesse processo; oramos por um novo tipo de alegria e de liberdade que você jamais experimentou antes. Estamos falando da maneira irrestrita que Jesus nos aceita. De um desejo renovado de servi-lo. De perdão perene para pessoas inevitavelmente caídas.

E de mudança. Mudança real.

É disso que trata *O resgate da redenção*.

Insistimos: não sabemos qual tem sido sua relação com o evangelho até agora. Falando sinceramente, talvez você nunca tenha crido nele, mas tem curiosidade suficiente para querer conhecê-lo um pouco. Contudo, ainda não consegue entender por que as pessoas acham que se trata de uma coisa tão incrível. É só mais uma música como tantas outras músicas religiosas. Uma coisa boa em pequenas doses, mas meio desafinada aqui e ali. Meio ultrapassada. Talvez um dia você aprenda a gostar desse estilo musical, mas até agora ele não o impressionou muito — nem as pessoas que o cantam o tempo todo (especialmente essas pessoas).

Saiba que este livro é para você. Seja qual for a razão que o trouxe aqui, é muito bom que Deus tenha feito isso. Se você tem consciência e se lembra vividamente de como foi que ele o alcançou pela graça, ainda que você reconheça que está longe de vivenciar com perfeição sua fé, ou se você continua na incerteza neste momento, até mesmo cético em relação a essa coisa toda de Bíblia e de evangelho... há muito o que refletirmos juntos nas próximas páginas. Vamos abrir o coração para ver claramente não apenas as tragédias do nosso pecado, mas também experimentar em toda a sua beleza as glórias da graça redentora de Deus.

Para alguns, será revigorante.

Para outros, revelador.

Para todos, trará redenção.

## Capítulo 1

# O que era bom agora é mau

## *Gênesis, Criação e Queda*



**Este mundo está falido.**

Bem falido.

Pergunte a um policial. Pergunte a uma assistente social. Pergunte a um pai ou a uma mãe adotivos. Pergunte a um oncologista. Algumas pessoas estão bem na linha de frente e veem praticamente todos os dias o que há de errado em nossa sociedade e na existência humana. Elas veem predadores sexuais aliciando crianças de nove anos na internet. Veem adolescentes talhando seus antebraços. Veem hematomas e casamentos desfeitos. Ouvem a respeito de um monte de mentirosos descarados, ouvem falar de sangue, de entranhas, de morte e de doenças. É terrível.

Caso você não esteja por perto de profissionais desse tipo, pergunte então a um pastor — porque tirando os policiais, os bombeiros e os paramédicos, muitas vezes somos os primeiros a chegar aos locais de emergência e a outras situações de perda pessoal. Já estivemos dentro de casas onde a dor era tão intensa, e

o sofrimento era tão sensível ao toque, que tudo o que podíamos fazer era simplesmente sentar ali e abraçar as pessoas, chorar com elas e esperar o pior passar. Já vimos e experimentamos (no caso de Michael) as realidades sombrias do vício em anfetaminas, já estivemos em locais onde houve colisão de automóveis, em celas de prisão, testemunhamos todo tipo de estilo de vida marginal e de experiências próximas da morte. Já aconselhamos gente que perdeu o emprego, adolescentes que perderam a virgindade, famílias que perderam praticamente todo o dinheiro que tinham, pessoas que simplesmente não sabem de onde virá sua próxima refeição ou onde passarão a noite.

De quanto tempo você dispõe? Poderíamos prosseguir o dia todo.

E quando o mundo não está desmoronando na frente de *alguns* de nós, ele está ruindo na frente de *todos* nós — é mais uma matança em uma escola qualquer, uma criança que desaparece, outra onda de destruição causada por um tornado ou um ataque terrorista. Se estivermos a uma distância segura, geralmente prosseguiremos com a vida em um ou dois dias, assim que o pessoal da CNN fizer as malas e deixar o cenário do desastre. Contudo, todas as vezes que o fenômeno acontece novamente — e isso sempre acontece, e sempre acontecerá — somos lembrados de quão próximas estão as ondas de tristeza e de desespero. Elas estão a pouca distância de uma chamada urgente no noticiário da tevê, de um telefonema ou pairam ao nosso lado como um fantasma.

Às vezes, porém, não é o inesperado e o extremo que nos mostram a ruína do mundo. É mais o que talvez possamos descrever como uma ansiedade que corrói, até as entranhas, uma incapacidade de nos satisfazermos totalmente com qualquer acontecimento ou experiência que nos sobrevenha. Os fins de semana e as férias são ótimos, mas nunca o bastante. Os shows de música são um divertido entretenimento que nos transporta a um lugar totalmente diferente, porém, quando terminam, já estamos a caminho do próximo show na cidade vizinha. É empolgante quando o jogo vira

no último tempo. Há muita vibração, pulos e gente dizendo “bate aqui”. Mas então o estádio fica vazio, os placares dos anunciantes se apagam e no fim daquele dia nos pegamos em casa preparando o lanche e a maçã que levaremos na manhã seguinte para o trabalho.

Portanto, mesmo que você seja o tipo de pessoa que mantém com frequência o copo sempre meio cheio de otimismo, existe um limite acima do qual não se pode elevar o nível das expectativas e continuar a viver no mundo real.

Nossos dias serão sempre tolhidos de certa forma pelas limitações da nossa energia, pela interferência aleatória de dificuldades e conflitos. Seremos obrigados a lidar com obrigações indesejadas, com consequências remanescentes de erros passados, com desequilíbrios em nossa agenda semanal. Jamais seremos capazes de expulsar do nosso porto todos os navios que militam espiritualmente contra nós e que ameaçam nos afundar e nos fazer sumir da água. E, ainda que tentemos não olhar, não conseguimos impedir que agulhas de drogas e corpos mortos acabem dando na praia todos os dias com as manchetes do noticiário da manhã, mesmo que tentemos tapar os ouvidos com os gritos ensurdecedores de criancinhas da pré-escola brincando ou com nossas *playlists* do iPod.

O que ainda é *mais* incômodo e desencorajador é que poluiremos ainda mais as coisas com a podridão do nosso próprio caos de pecados e hábitos, alguns dos quais permitimos que ficassem boiando à nossa volta durante anos a fio. É claro que, de tempos em tempos, tentamos dragar o lago, totalmente desgostosos com nós mesmos, fazendo de tudo para limpar o que permitimos que se incrustasse por debaixo das águas. Contudo, a água limpa parece que nunca fica limpa por muito tempo. Nós a sujaremos novamente com uma coisa ou outra.

Conclusão: quando não vivemos em perigo constante, parece que lidamos com decepções constantes — com nós mesmos, com outros ou de modo geral.

E aí, é claro, achamos que não precisa ser assim.